

# Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L144	Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407  1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de.  CDD 801.95
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL	
Camila Augusta Valcanover	
Elisa Maria Dalla-Bona	
DOI 10.22533/at.ed.9621924071	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9621924072	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Melina Xavier de Sá Morais	
DOI 10.22533/at.ed.9621924073	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA	
Aline Stefania Zim	
DOI 10.22533/at.ed.9621924074	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9621924075	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i>	
Cíntia Paula Andrade de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9621924076	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA	
Henrique Carvalho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9621924077	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>66</b>
AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Ernane de Jesus Pacheco Araujo	
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9621924078	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>77</b>
<i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO	
Roseli Gimenes	
DOI 10.22533/at.ed.9621924079	



<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>89</b>
DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO	
Elimar Barbosa de Barros	
José Wanderson Lima Torres	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>103</b>
ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA	
Bruna Messias de Oliveira	
Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli	
Leonardo José Rodrigues	
Nádia Vieira Simão	
Pâmela Natiele Pereira Bispo	
Viviane Ellen Araújo Pereira	
Débora Cristina Santos e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>111</b>
ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>123</b>
MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF	
Nilson Macêdo Mendes Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>134</b>
FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES	
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa	
Ana Lúcia Trevisan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>145</b>
RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i>	
Margareth Torres de Alencar Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>151</b>
O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Margareth Torres de Alencar Costa	
Thiago de Sousa Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>160</b>
A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISÍACA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD	
<a href="#">Rodrigo Peixoto Barbara</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>171</b>
O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910)	
<a href="#">Claudia Barbieri Masseran</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>181</b>
A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i>	
<a href="#">Érica Patricia Barros de Assunção</a>	
<a href="#">João Benvindo de Moura</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>192</b>
CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”	
<a href="#">Erika Camila Pereira dos Santos</a>	
<a href="#">Cláudio Guilarduci</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>203</b>
OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE	
<a href="#">Jesuino Arvelino Pinto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>213</b>
STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE	
<a href="#">Andrea Carla de Miranda Pita</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>221</b>
UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA	
<a href="#">Iasmim Santos Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>232</b>
A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE	
<a href="#">Iêda Carvalhêdo Barbosa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>241</b>
<i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA	
<a href="#">Maria Luand Bezerra Campelo</a>	
<a href="#">Vanessa de Carvalho Santos</a>	
<a href="#">Wander Nunes Frota</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240725</b>	

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>251</b>
“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES	
Patricia Horta Livia Bocalon Pires de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240726</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>263</b>
“CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	
Juliana Carvalho de Araujo de Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240727</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>270</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>271</b>

## A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM *MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR*

**Cíntia Paula Andrade de Carvalho**

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia da Bahia

Valença - Bahia

**RESUMO:** Na contemporaneidade, a literatura tem disponibilizado representações das culturas ameríndias que diferem da antiga figuração romântica desses povos (FIGUEIREDO, 2010; OLIVIERI-GODET, 2013). Os romances *Maíra* (1976), de Darcy Ribeiro, e *O rastro do jaguar* (2009), de Murilo Carvalho, em narrativas que exploram a multiplicidade de vozes, trazem como personagens principais indígenas que, depois de anos afastados da convivência com suas famílias e obrigados a se integrarem à sociedade nacional, enveredam por uma trajetória de retorno às culturas ameríndias. Nessa experiência de reconstrução identitária, eles se descobrem marcados por questionamentos existenciais e transitando em dois mundos diferentes (BHABHA, 1998; HALL, 2000; 2003). Esta comunicação pretende discutir, em uma abordagem comparativa (CARVALHAL, 1999), como ambas as obras, separadas por três décadas da publicação de uma para a outra, discursivamente ora se aproximam, ora se distanciam, na tentativa de criticar o processo civilizatório a que os povos indígenas continuam sendo submetidos no Brasil e problematizar a

(im)possibilidade de uma conciliação entre as culturas ameríndias e o modelo de comunidade nacional homogeneizante (ACHUGAR, 2013).

**PALAVRAS-CHAVE:** nação; identidades múltiplas; alteridade ameríndia.

### THE IDEA OF NATION AND AMERINDIAN IDENTIFY IN *MAÍRA AND O RASTRO DO JAGUAR*

**ABSTRACT:** Nowadays, literature has provided representations of Amerindian cultures that differ from the ancient romantic figuration of these peoples (FIGUEIREDO, 2010; OLIVIERI-GODET, 2013). The novels *Maíra* (1976) by Darcy Ribeiro, and *O rastro do jaguar* (2009) by Murilo Carvalho, in narratives that explore the multiplicity of voices, bring as main indigenous characters that, after years away from living with their families and obliged to integrate into the national society, get into a trajectory of return to Amerindian cultures. In this experience of identity reconstruction, they have to deal with existential issues and transiting in two different worlds (BHABHA, 1998; HALL, 2000; 2003). This paper intends to discuss, in a comparative approach (CARVALHAL, 1999), how both works, separated by three decades from the publication, are so sometimes close and sometimes they distant discursively in the critics

of the civilizational process to which the indigenous people continue to be submitted in Brazil. It also objectives to problematize the (im)possibility of a reconciliation between Amerindian cultures and the homogenizing national community model (ACHUGAR, 2013).

**KEYWORDS:** nation; multiple identities; Amerindian otherness.

A figura do índio sempre esteve presente no desenvolvimento da literatura brasileira (FIGUEIREDO, 2010; OLIVIERI-GODET, 2013). Isso ocorreu nos registros das crônicas europeias quinhentistas, quando não tínhamos ainda um acervo literário consolidado, e perpetuou até o século XIX, quando o indígena foi inscrito como símbolo essencial do projeto estético-ideológico romântico de construção da nacionalidade brasileira. Todavia, no século XX, operou-se uma reviravolta, com o surgimento de representações das culturas ameríndias comprometidas em questionar a figuração romântica desses povos, por meio de narrativas que denunciam a situação opressiva à qual os índios vêm sendo submetidos na civilização ocidental.

Os romances *Maíra* (2014), do antropólogo Darcy Ribeiro, e *O rasto do jaguar* (2009), do jornalista Murilo Carvalho, embora separados por mais de três décadas da publicação de um para o outro, trazem à cena personagens indígenas que, depois de anos afastados do mundo tribal e impelidos a se integrarem à sociedade nacional, enveredam por uma trajetória de retorno às culturas ameríndias. Nessa experiência de trânsito entre mundos tão distintos, eles se descobrem marcados por intensos processos de reconstrução identitária. Atenta a esse aspecto, o capítulo pretende discutir, em uma abordagem comparativa (CARVALHAL, 1999), como ambas as obras, discursivamente, ora se aproximam, ora se distanciam, na tentativa de representar o futuro das culturas indígenas, diante do avanço do processo civilizatório no Brasil.

Entre as décadas de 60 e 70, os movimentos populares e da intelectualidade afloraram no Brasil, consolidando uma perspectiva ideológico-cultural contra-hegemônica. Introduziu-se a visibilidade a muitas representações ocultadas no processo colonizador e civilizatório burguês. *Maíra* (2014), publicado em 1976, é um exemplo de projeto literário que se comunica com esse cenário cultural. O romance evidencia uma representação indígena ressignificada, porque diferentemente do modelo hegemônico e romântico, denuncia a destruição da cultura ameríndia em virtude dos processos de interiorização e modernização no País.

Como bem observa o crítico Antonio Cândido (2014), o romance conecta a visão de três setores interpretativos: do indígena, do homem civilizado e dos seres sobrenaturais. Os planos narrativos se entrecruzam em tempos e espaços distintos, em uma estrutura permeada de monólogos, diálogos, pregações, relatórios, o que confere à obra o caráter de narrativa pós-moderna.

Maíra, personagem que dá título à obra, é uma força vital que anima os homens. Os mairuns são o povo de Maíra. O pesquisador Flávio Aguiar, no artigo “No exílio interior ou onde cala o sabiá” (2013, p. 10), assinala que, na consciência mairum, “há

reciprocidade entre os planos divino e humano; um não existe sem o outro”. Daí que o desaparecimento de um acarretaria o apagamento do outro.

A obra de Darcy Ribeiro aborda o choque de dois sistemas religiosos que se confrontam na mente do personagem Avá, o qual havia sido retirado da tribo mairum ainda criança e batizado com o nome de Isaías. O jovem do clã Jaguar estava destinado a se transformar no *tuxauarã* da tribo. Prestes a se tornar padre, decide retornar ao convívio dos mairuns. A presença do conflito entre o mundo tribal e o civilizado e religioso é a causa de seus questionamentos existenciais, como o personagem deixa claro em seu monólogo: “Eu sou dois. Dois estão em mim. Eu não sou eu, dentro de mim está ele. Ele sou eu. Eu sou ele, sou nós e assim havemos de viver” (RIBEIRO, 2014, p. 89).

Conforme Homi Bhabha (1998), o sujeito da relação colonial, assim como sua identidade cultural, é híbrido. Nesse sentido, entende-se que os dois sistemas de identificação são questionados e relativizados. Todavia é nessa conformação híbrida que surgem novos lugares de enunciação da identidade e a representação do sujeito atravessado pela ambiguidade carrega vestígios dos dois discursos, do colonizador e do colonizado.

Avá/Isaías é consciente de que é um ser marginal às duas culturas. Entre os padres, nota o olhar etnocêntrico quanto à sua origem, pois percebe que não o reconhecem como um índio, membro de uma etnia específica, mas sim, como o índio genérico. Quando retorna ao convívio tribal, não é mais índio para os mairuns, nem tampouco um civilizado para a sociedade nacional. Os mairuns esperavam que, voltando do mundo dos caraíbas, Avá estivesse preparado para assumir sua posição de chefe guerreiro da tribo. No entanto eles chegam à conclusão de que o homem a se transformar em seu *tuxaua* se encontra perdido, cercado por fantasmas.

Outro personagem que representa o cruzamento dos mundos indígena e civilizado é Juca. Filho de mãe mairum e pai branco, o mestiço repudia sua ascendência ameríndia. Atraído pelos costumes da sociedade nacional, ele enxerga a possibilidade de explorar os mairuns ao trabalho forçado. Contudo, o povo mairum não aceita sua aproximação. O desprezo da aldeia a Juca simboliza a percepção da ameaça que o regatão representa à sobrevivência da identidade e da cultura mairum.

À semelhança de *Maíra*, o romance *O rastro do jaguar*, publicado em 2009, coloca a questão identitária como uma de suas preocupações. Conta a história de Pierre, índio guarani, que retorna ao Brasil em busca das suas origens. Levado aos dois anos de idade para a Europa, Pierre torna-se oficial do Exército francês e músico da orquestra de Paris. Defrontando-se com acontecimentos que desestabilizam suas certezas sobre se tratar de um indivíduo plenamente inserido e respeitado na sociedade europeia, o jovem decide voltar à terra natal e seguir uma trajetória de autoconhecimento e imersão na cultura ameríndia. Na viagem, é acompanhado pelo amigo Pereira, jornalista português naturalizado francês e narrador do romance.

Diferentemente de *Maíra*, o romance de Murilo Carvalho recua no tempo para filtrar o conflito entre as culturas ameríndias e nacional. Retoma a situação das comunidades indígenas no século XIX entrelaçada a das nações sul-americanas envolvidas na Guerra da Tríplice Aliança. Para valorizar a memória histórica dos povos indígenas, a narrativa denuncia como os direitos dos povos eram negligenciados em detrimento da consolidação desses Estados-nações.

A história da busca identitária de Pierre mescla-se à luta de povos indígenas por reconhecimento e sobrevivência em territórios nos quais as nações sul-americanas impunham-se em uma marcha progressista. A narrativa aborda não apenas o impacto deste conflito sobre o destino das comunidades indígenas na América do Sul do século XIX, como também de outras batalhas travadas no subcontinente e que mais diretamente as afetavam. Em certo momento, é colocada em cena a participação dos índios em disputa por terras entre os Guarani e os colonos e gaúchos do vale do Iguariaçá. Outro enfrentamento é o travado entre os Botocudo e o Exército brasileiro, no vale do Jequitinhonha. Os Botocudo resistiam à ação de aldeamento imposta pela política integracionista do governo. Na opinião de Rita Olivieri-Godet (2013), *O rastro do jaguar* apresenta, entre outros, o mérito de considerar as singularidades históricas e antropológicas de povos distintos cujas diferenças são amalgamadas ao atribuir-lhes a denominação generalista de “índios”.

Na narrativa, os últimos bandos rebeldes de Botocudo são liderados por Manhá-Oé. O ex-seminarista e ex-soldado é um índio que rompe sua filiação com a comunhão nacional para reafirmar sua identidade indígena. Isso parece indicar que, embora tenha estado em contato com a sociedade nacional, não apagou a identidade ameríndia. Trata-se de um processo mais complexo, ao qual Darcy Ribeiro (1996), com o conceito de transfiguração étnica, e outros estudiosos se debruçaram para analisar.

Em *Os índios e a civilização* (1970; 1996), ampla pesquisa antropológica desenvolvida na década de 1960 em áreas culturais indígenas presentes no território brasileiro – e que aqui se encontra resenhada de forma assaz simplificada –, Darcy Ribeiro explica que a transfiguração étnica corresponde ao processo pelo qual o índio, ao percorrer todo o caminho da aculturação, essa não desemboca “numa assimilação, mas no estabelecimento de um *modus vivendi* ou de uma forma de acomodação” (RIBEIRO, 1996, p. 503). Nenhum índio se transforma necessariamente em civilizado, ou seja, “o gradiente da transfiguração étnica vai do índio tribal ao índio genérico e não do indígena ao brasileiro” (RIBEIRO, 1996, p. 503). Conforme o etnólogo, isso ocorre porque, na coexistência de uma aldeia indígena e um núcleo colonizador, segue-se o crescimento deste à custa daquela e com ela.

Nesse sentido, não há assimilação plena, mas uma integração inevitável. Quanto mais o indígena é cerceado de um contexto civilizado ou comercializado, quanto mais ele se converte em mão de obra e quanto mais ele tem de produzir mercadoria, maiores são as chances de integrar-se à sociedade nacional. No

entanto essa integração não representa a desintegração de sua identidade indígena. Ele pode ter transformado seus costumes (língua, modos de vestir, alimentação) e permanecer índio. A transfiguração étnica se faz através de instâncias, nas quais um povo se transforma, porque é transformando-se que ele sobrevive.

Nota-se, em *O rastro do jaguar*, um exercício de pensar a identidade no plural. A narrativa instaura uma consciência de personagens constituídos sempre por um “eu” multifacetado. O personagem Pierre, por exemplo, espelha muito bem o conflito de alguém que vive o embate de culturas tão diferentes, como a europeia e a indígena, ambas geralmente localizadas na tensão da relação dominante e dominado. Os momentos da narrativa em que o personagem sofre por transitar entre a condição de continuar sendo um “soldado índio do exército francês” e tornar-se um “índio jaguar”, simbolizam a inconstância que impossibilitaria uma caracterização fixa. Da mesma forma que tanto a educação em música clássica e a dedicação ao exército francês não lhe garantem um lugar na civilização europeia, sua terra natal tampouco o recoloca na condição anterior de habitante do mato virgem.

Como já apontada por Stuart Hall (2003), a ideia de uma identidade unificada é insustentável, uma vez que o sujeito é forçado a assumir identificações diferentes em situações distintas. Para o teórico, é necessário considerar que as identidades, ainda que busquem firmarem-se sob a ótica do estável, não o conseguem em virtude da dinamicidade social e cultural do mundo. As transformações de várias naturezas tendem a afetar e alterar as identidades, desconstruindo-as. Daí seu argumento de que as identidades não podem ser consideradas sob uma perspectiva essencialista, mas antes construcionista, e de que, por esse motivo, defende que o conceito de identidade esteja “sob rasura” a ponto de preferir a utilização do termo “identificação” em lugar de “identidade”.

*O rastro do jaguar* (2009a), nesse sentido, valoriza a discussão em torno de uma identidade fluida e fragmentada, destoando de antigas representações narrativas que privilegiam identidades em torno do indivíduo centrado. No corpo de Pierre, se inscrevem as marcas de sua origem indígena – cor, cabelos, traços faciais -, enquanto, culturalmente, acumula a herança europeia. É ainda a guerra travada por Pierre para definir a si mesmo: índio, como seus antepassados, ou europeu, tal como fora criado? A atenção minuciosa que o narrador dispensa à caracterização de Pierre traduz metaforicamente a condição multifacetada da constituição identitária do jovem:

A imagem que guardo de Pierre é como a visão de um caleidoscópio, formada por dezenas de pedaços desconexos, que se juntam e se modificam todo o tempo. Num momento ele está entre as árvores do Bois de Boulogne, envolto na neblina do amanhecer de Paris, bêbado e alegre; depois, vejo-o em pé sob as copas dos densos pinheirais do planalto Sul, embrulhado num cobertor cinza, molhado das chuvas que caíam havia vários dias. Um outro giro na memória e ele surge em sua farda vermelha de gala, tocando os tambores no desfile da vitória, na larga avenida que leva ao Arco do Triunfo, brilhante sob o sol. Mas outro Pierre, desconsolado, ao ver os corpos dos meninos em chamas no vasto campo



de Ñhu Guaçu; ainda outro e Pierre é o músico compenetrado, atento, no poço da orquestra do teatro da Ópera, o velho teatro que não existe mais, devorado por um incêndio; um novo girar do calidoscópio e a imagem que se forma é a de jovens soldados na batalha de Mulhouse. Mas, com certeza, a memória mais forte que registro de meu amigo é a última vez que o vi. Fazia muito frio e uma chuva fina caía como poeira, dourada pelos olhos de sol que rompiam as nuvens, envolvia as árvores e fazia brilhar a grama nova que cobria o vale do Iguariçá. Estivéramos juntos por muitos anos e aquele era um momento de despedida, porque Pierre fizera uma escolha definitiva e iria partir com seu povo para uma caminhada sem volta. O que me surpreende, tanto tempo depois, é que mesmo ali, sob os pinheiros, com a chuva escorrendo pelos cabelos, ele continuava se parecendo com o oficial do Exército e o músico da Ópera de Paris que percorria as alamedas do Bois de Boulogne, enfiado em outras brumas, tanto tempo atrás (CARVALHO, 2009, p. 16-17).

Como se nota, na descrição minuciosa de Pereira ressoa sua dificuldade para definir “quem é Pierre”. O evento que parece ser um dos pivôs a desencadear o descentramento de Pierre é a encarceramento injusto de índios americanos em Paris. Ao presenciar a forma como os índios são tratados - como selvagens, seres monstruosos -, o rapaz se dá conta de que, para a sociedade francesa, tanto ele quanto os índios representam o Outro, o estrangeiro. Enquanto esteve no exército, envolvido no discurso nacionalista em defesa da pátria, não havia se sentido como tal. Mas agora, é diferente. É apontado como diferente: “não é um francês”.

Em *O rastro do jaguar*, constatam-se três sentidos para a palavra nação, cada um sendo utilizado por um segmento ou personagens diferentes a partir de seus interesses e visão de mundo. São posições diversas, interpretações e usos para o vocábulo. Na obra de Murilo Carvalho, a palavra é empregada para denominar diferentes tipos de comunidades humanas, nem todas vinculadas à ideia de um Estado. Há, por exemplo, o uso das expressões “nação ameríndia”, “nação indígena” e “nação guarani”.

O termo “nação”, em sua acepção de Estado-nação, está presente quando tanto o narrador quanto Pierre e os homens da guerra referem-se ao Brasil, ao Paraguai, à França e à Inglaterra. Todavia, quando os índios se referem à possibilidade de criar a nação Guarani, representados pelo xamã Ñezú, nota-se uma aproximação com o sentido de um espaço como a “Terra sem Males”. O terceiro sentido é percebido quando Pierre, no início da trajetória de autoconhecimento e luta pelas populações ameríndias, faz uso do termo para denominar um Estado índio, um tipo de comunidade que gozaria de organização política e se oporia à nação brasileira. O sentido utilizado por Pierre talvez esteja relacionado ao fato de que se trata de alguém formado nos princípios europeus e que, no presente, depara-se com o desafio de liderar os índios migrantes, um povo que deseja outro tipo de conformação coletiva de vida.

Há de se esclarecer que, no século XIX, a palavra “nação” era utilizada tanto para se referir ao Estado-nação brasileiro quanto em referência aos grupos indígenas. Portanto, no que diz respeito ao utilizado pelos índios da narrativa, o termo afasta-se da conotação cunhada na ideologia moderna; trata-se de um conceito de nação

que não se refere nem a Estado-nação nem à concepção de comunidade imaginada e articulada pela ligadura que Benedict Anderson (2008) chama de *print capitalism*, ou seja, disseminação de informações pela imprensa ou pela literatura massiva. No século XIX, por exemplo, o vocábulo era utilizado tanto para se referir ao Estado-nação brasileiro, o qual passava a ser alvo do discurso do IHGB, quanto em referência aos grupos indígenas.

Conforme a abordagem de Anderson (2008), fica evidente que o amálgama da comunidade imaginada ocorre por meio de ligações anônimas e impessoais. Nesse sentido, a nação moderna difere dos princípios da nação indígena. Para tal comunidade, a ligação entre seus membros desenvolve-se não por meios indiretos, como o faz a imprensa ou a literatura massificada, mas por meio do contato face a face.

Os movimentos de indianização que surgiram no final da década de 1970 vêm incentivando os povos indígenas à reconstrução de suas identidades. Por isso, o retorno voluntário de Pierre e de Manhá-Oé ao seio de suas respectivas comunidades indígenas imprime teor relevante na leitura do romance. *O rastro do jaguar*, de certa maneira, encena os princípios dos atuais movimentos indígenas e indigenistas por meio de seus personagens que, depois de estarem integrados à sociedade nacional, decidem viver conforme os padrões da vida indígena.

Se, por um lado, a morte de Manhá-O nega à obra um caráter otimista, por outro, pode simbolizar a resposta de resistência da etnia à integração forçada à ordem nacional. Da mesma forma, se Pierre, ao final da narrativa, não consegue manter seu povo completamente unido para formar a nação guarani, sua partida em busca à Terra sem Males não aplaca a esperança dessa comunidade de encontrar um lugar no qual possa viver conforme os padrões de seus antepassados. Antes, representa uma bandeira em defesa da causa.

Nesse aspecto, os romances *Maira* e *O rastro do jaguar*, que em tantos aspectos se aproximam, nesse ponto, diferem. Na obra de Darcy Ribeiro, fica evidente o processo agonizante da tribo mairum, simbolizando a cultura ameríndia. No capítulo final do romance, há uma forte comprovação disso com o afastamento de Isaías da condição de *tuxauareté* e sua aproximação da linguista norte-americana, no intuito de traduzir a Bíblia para a língua mairum.

Já no desfecho de *O rastro do jaguar* reside uma pequena centelha de esperança para as comunidades indígenas. Mesmo com a ação do enredo sendo situada no século XIX, a representação do drama dessas culturas evidencia a relação entre o clima de luta política internacional existente nas últimas décadas, que defende um modelo de nação mais tolerante às diferenças, e o ânimo combativo de simpatizantes da causa indígena no continente americano. A imagem profética de Pierre, conduzindo o povo guarani à mitológica Terra sem Males, não deixa de ser um símbolo de resistência e autoafirmação dos povos ameríndios ao cerco empreendido pela sociedade nacional.

Os índios não desapareceram. Portanto, a figura do índio segue sendo um elemento de resistência ao ideal de criação de um Estado nacional homogêneo. É como se representasse um estrangeiro de dentro do que deveria ser o seu país. E se não reconhece o Estado nacional no qual sua comunidade está como seu país é porque sua compreensão de coletividade não responde à forma de nação política. Talvez uma saída seja pensar na imagem de nação na forma de Hugo Achugar chama à atenção: como um espaço de negociação, no qual diferentes sujeitos sociais possuam visibilidade e tenham direito a expor suas narrativas. Nesse espaço de negociação caberia, inclusive, a possibilidade da criação de uma nação indígena no interior da nação brasileira, como evoca a narrativa de *O rastro do jaguar*.

## REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AGUIAR, Flávio. O exílio interior ou onde cala o sabiá. In: **Alabastro**: revista eletrônica dos alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, ano 1, v. 1, n. 2, 2013, p. 9-18.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, 395 p.

CANDIDO, Antonio. Mundos cruzados. In: RIBEIRO, Darcy. **Maíra**. São Paulo: Global Editora, 2014. p. 307-310.

CARVALHAL, Tânia. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1999.

CARVALHO, Murilo. **O rastro do jaguar**. São Paulo: Leya, 2009a, 568 p.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010a, 286p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2003. 112 p.

OLIVIERI-GODET, Rita. **Alteridade ameríndia na ficção contemporânea das Américas**: Brasil, Argentina, Quebec. Belo Horizonte, MG: Trato Fino, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Maíra**. São Paulo: Global Editora, 2014.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

### B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

### C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

### E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

### H

Homoafetividade 232

### I

Identidade 123, 132, 135

### L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

### M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99

## **N**

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

## **O**

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

## **P**

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

## **Q**

Questões 102

## **R**

Romance 108, 171, 180

## **T**

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

## **V**

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962